

## INTERPRETAÇÃO GRAMATICAL:

### Discussão sobre o caráter sistemático da hermenêutica de Schleiermacher<sup>1</sup>

Ricardo Lavalhos Dal Forno<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com a superação das hermenêuticas regionais e técnicas, em Schleiermacher a hermenêutica começa a ser concebida como uma filosofia fundamental. Mesmo que nesse filósofo ainda não se superasse completamente o caráter técnico, encontra-se, nele, um trabalho de descentralização: o sujeito deixa de ser o único acesso à verdade e a linguagem é considerada condição de possibilidade de expressão e de compreensão de sentido. Sua hermenêutica desenvolve-se na relação entre a linguagem e o indivíduo, sujeito singular, livre, a agir dentro deste sistema. Isto se desdobra em suas duas perspectivas de interpretação: a “gramatical” e a “psicológica”. Aqui a discussão será centralizada na “Interpretação Gramatical”. Essa perspectiva leva em conta a comunidade de pensamento, a unidade de mundo intersubjetivamente constituída, que tem a estrutura de uma linguagem e possibilita a comunicação e a esquematização da experiência de mundo comum de uma comunidade de falantes. Sem abandonar a questão da subjetividade, trata-se agora de perguntar por seu novo lugar, uma vez que ela não é mais um ponto de partida filosófico e a linguagem se torna a base de sustentação teórica.

**Palavras-Chave:** hermenêutica, sujeito, linguagem, interpretação

### 1. Introdução à hermenêutica de Schleiermacher

Historicamente, a hermenêutica estabeleceu-se, de início, como disciplina técnica auxiliar, útil na explicação e interpretação de certos textos, como a Sagrada Escritura, clássicos da Literatura e textos Jurídicos – fornecendo apenas orientações práticas para o procedimento interpretativo em determinados setores. Em Schleiermacher, a hermenêutica deixa de ser apenas uma disciplina especial e começa a se perguntar pela fundamentação universal da compreensão. Trata-se agora da superação das hermenêuticas auxiliares, das hermenêuticas regionais, em direção a uma hermenêutica universal. As hermenêuticas

<sup>1</sup> Pesquisa realizada como bolsista PIBIC/UNIJUÍ sob orientação do professor Dr. Aloísio Ruedell no projeto “Hermenêutica e Crítica”.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pela UNIJUÍ. Mestrando em Filosofia pela PUCRS.

especiais apenas procuravam pelo procedimento correto em relação à interpretação de determinado texto, e nisso se esgotava a hermenêutica antes de Schleiermacher. Superando a hermenêutica como uma disciplina auxiliar, ele pôde falar de uma ciência universal da hermenêutica, de uma arte de compreender.

Partindo de princípios rigorosamente metodológicos, Schleiermacher deu os primeiros passos para aproximar a hermenêutica da filosofia. Embora fosse, ainda, ligado intensamente à tarefa religiosa, ele tinha por pretensão expandir seus métodos e técnicas interpretativas a toda expressão humana. Sendo todos os problemas de interpretação em verdade problemas de compreensão, Schleiermacher desenvolveu uma verdadeira doutrina da arte de compreender. Surge assim uma hermenêutica que não é mais considerada como disciplina especial, que não se esgota no caráter técnico, mesmo que ainda seja essencialmente técnica – pois ainda mantém a preocupação com o procedimento – mas que é concebida como uma filosofia fundamental (PALMER, 1969, p.91).

Nessa hermenêutica, concebida como filosofia fundamental, o primado do sujeito moderno resulta questionado. As filosofias da representação, nas quais o sujeito é visto como fundamento para conhecer e organizar o mundo empírico e o aparecer das coisas, não são mais, neste enfoque, legitimadas, pois o sujeito não é mais visto como puro e independente, não podendo, por isso, ser o fundamento que legitima o discurso sobre o mundo. Mas, na hermenêutica de Schleiermacher, não há um abandono completo da subjetividade. A crítica hermenêutica ao sujeito não é radical a ponto de eliminar a questão do sujeito. O seu questionamento da subjetividade é antes um perguntar pelo lugar do sujeito, por seu novo lugar, uma vez que ele não é mais colocado como ponto inicial adequado para a reflexão filosófica. Trata-se, então, sem a exclusão da subjetividade, da necessidade de superar o caráter ontológico-objetivista do pensamento ocidental.

Nessa perspectiva, tem-se a linguagem como ponto de partida filosófico. O projeto hermenêutico de Schleiermacher, mesmo não eliminando a indagação pelo sujeito, tem na filosofia da linguagem sua base de sustentação. E é também isso que lhe permite uma visão crítica das filosofias do sujeito. Se antes os objetos estavam mediados por representações subjetivas, e só nelas existiam, agora, porém, não se trata objetos em sua pureza, mas sim estados de coisas correspondentes a juízos e proposições. Não se lida, portanto, diretamente com as coisas, e sim com o significado que lhes é atribuído. Elas não se mostram por si mesma, mas enquanto sentido. Pergunta-se, agora, pela interpretação como faculdade humana de atribuir sentido a algo outro, pois a existência humana é vista como existência significativa.

A discussão hermenêutica de Schleiermacher desenvolveu-se na tensão entre a linguagem como sistema e possibilidade do pensamento e o indivíduo, sujeito singular livre a agir dentro deste sistema. Isso se desdobra nas duas perspectivas de interpretação elaboradas pelo filósofo, a “gramatical” e a “psicológica”. Há, nesta tese, uma relação de reciprocidade entre concepção da linguagem e do sujeito. Um requer a presença do outro. O sujeito que resulta desta concepção é um sujeito frágil, que não mais vale por si mesmo, porque precisa de algo fora de si para ter consciência de si.

Todo ser humano é, de certa forma, um lugar onde determinada linguagem se forma, sendo seu discurso apenas compreensível a partir da totalidade de sua linguagem. Mas, ele também é um espírito, singular e criativo, que age na linguagem. Uma compreensão correta somente é pensável na medida em que também se levar em conta a singularidade da vida do indivíduo. Da mesma forma como um discurso individual se realiza sob os condicionamentos da linguagem, ele também é condicionado por todos os “momentos de vida” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.96) singular do falante. Ou seja, o discurso deve ser visto como pertencente a uma língua e ao mesmo tempo como fato do espírito. “O compreender é apenas um ser-um-no-outro desses dois momentos (gramatical e psicológico)” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.96).

Portanto, nota-se que as condições de possibilidades para a compreensão de um texto, segundo Schleiermacher, são, de um lado, o pensamento criativo do ser humano singular e, de outro, a estrutura da linguagem que permite e manifesta o pensamento. Há, assim, a imersão do indivíduo num sistema de linguagem que condiciona e possibilita seu discurso, ao mesmo tempo em que há a marca subjetiva numa aplicação particular da linguagem. Tais dimensões exigem-se mutuamente, mesmo que o próprio Schleiermacher tenha falado da prioridade da perspectiva gramatical (2005, p.121).

Na conjunção dessas duas perspectivas em Schleiermacher, o sujeito é concebido em sua fragilidade, pois não sustenta a si mesmo. Não há mais a posição absoluta do sujeito, pois há justamente uma conjunção das perspectivas gramatical e psicológica. O sujeito sempre existe em relação com algo outro, não sendo ele algo que se fundamente por si mesmo. O sujeito não é mais concebido como ponto de partida para o pensamento porque ele sempre surge como relação, e não como uma unidade. A “consciência de si” do sujeito nunca é dada em estado puro, mas apenas emerge como consciência ao “querer” e “desejar” algo que está fora dela; ela não se basta a si mesma, estando sempre em relação, que, por sua vez, é desdobrada na linguagem. Na hermenêutica de Schleiermacher, o sujeito somente é

compreendido na e pela linguagem, tornando-se, assim, meta, encontrável no final do processo de busca, e não mais no início, como ponto de partida.

Porém, o sujeito não é despido de toda sua importância. Embora frágil, sempre relativo, e dependente, o elemento subjetivo continua sendo necessário para a instituição e para a compreensão do sentido, mesmo que, metodologicamente, o primado esteja na linguagem.

A linguagem e a questão do sujeito tornam-se, com isto, duas faces mesma moeda; constituem o mesmo problema. Por mais fundamental que seja a linguagem, a participação do sujeito é sempre necessária. O sujeito sempre se encontra num contexto de linguagem determinado, que possibilita sua compreensão e seu discurso, mas é quando um sujeito singular desloca os limites desse contexto que se pode comunicar uma mensagem. As transformações semânticas não podem existir por si mesmas, mas necessitam sempre da práxis de um indivíduo. Um sistema de signos sem sujeitos atores não poderia entrar em operação. Somente o singular pode romper com a mesmice e oferecer uma nova mensagem.

Portanto, Schleiermacher, com seu projeto hermenêutico, propõe um caminho alternativo para as filosofias da representação e para a concepção moderna de sujeito. Ao defender a linguagem como caminho de legitimação do conhecimento, ele propõe uma racionalidade não reduzida a enunciados lógicos, integrando história e racionalidade, e possibilitando o surgimento da hermenêutica como ciência própria.

Após breve introdução da hermenêutica de Schleiermacher, segue agora a discussão do desdobramento da sua perspectiva de interpretação gramatical

## **2. A Interpretação Gramatical**

Já há algum tempo que se filosofa sob a perspectiva da linguagem (RUEDELL, 2000, p.123), na qual a filosofia não só se concentra em problemas da linguagem, mas, sobretudo, realiza-se, toda ela, a partir da linguagem. Não há mais a garantia de uma verdade supra-histórica absoluta, que não dependa de uma relação intersubjetiva de homens situados numa comunidade lingüística. Pressupõe-se, assim, anterior ao estabelecimento da compreensão, uma comunidade de sentido, constituída e compartilhada entre falante e ouvinte, escritor e leitor.

Nesse contexto, a verdade, não mais independente e auto-suficiente, torna-se uma espécie de “saber ideal”. A verdade torna-se um pressuposto ideal inalcançável, que, mediante

procedimentos intersubjetivos, move a busca de certezas dentro de uma comunidade de sentido. Nessa direção Schleiermacher elaborou seu conceito de “interpretação gramatical”.

A referência a uma “interpretação gramatical” no pensamento de Schleiermacher não tem o sentido de uma gramática enquanto um sistema de signos fechado ou encerrado, absoluto e a-histórico, como, à primeira vista, o termo parece sugerir. Uma língua sempre mantém a particularidade de quem dentro de tal comunidade significativa faz uso dela. A gramática nunca poderá se libertar da dependência daqueles que, através dela, articulam o sentido em dado tempo e lugar. Por isso, a interpretação gramatical é sempre uma interpretação histórica, dada em certo horizonte significativo, em função de seu vínculo com a historicidade da condição humana. Na compreensão do discurso de outrem, escrito ou falado, está sempre implicada a linguagem, mesmo que a meta esteja na intenção do autor.

Num texto há sempre o pressuposto da linguagem, tanto em sua elaboração e constituição de sentido, quanto em sua interpretação. O sentido, intencionado pelo autor, somente pode ser projetado e realizado dentro dos estreitos limites de uma linguagem. Esta, por sua vez, precisa ser elucidada, para que se chegue a uma correta compreensão do sentido.

Onde, porém, procuramos plena compreensão, aí é necessário ter na consciência todo o acervo lingüístico. Faz também parte desta plenitude da compreensão que tomemos uma visão panorâmica provisória do todo (SCHLEIERMACHER, 2005, p.133).

É, portanto, necessário que, antes de se compreender as partes, se compreenda o todo, ao menos numa visão panorâmica provisória. Caso contrário, nada será compreendido corretamente. De que maneira se dá a compreensão de uma expressão lingüística? Ela ocorre numa relação de diálogo, falado ou escrito, em que um é o que constrói as frases e elabora o seu sentido, e outro aquele que as acolhe e compreende. Mas, para poder compreender, supõe-se que o compreendido tenha sido comparado com aquilo que já se sabia anteriormente. Assim, na compreensão de um texto escrito, no qual há um sentido anterior, este deve ser buscado para orientar o processo de extrair significado nas partes específicas do texto.

A verdadeira compreensão de um texto se dá quando primeiro se busca, provisoriamente, o todo suposto nas partes. É a partir deste todo que suas partes são compreendidas e que se possibilita a comunicação significativa de uma série de palavras do

falante ao ouvinte, do autor ao leitor. Nenhuma parte pode ser compreendida isoladamente, sem a sua relação com o todo que integra.

Tal fato evidencia a fragilidade da tese de que o autor é o único critério para a compreensão e interpretação de um texto. A intenção do autor vale sempre como norma para a correta compreensão e interpretação, mas há também a linguagem, como instituição intersubjetiva, já sempre suposta e presente em toda atividade de constituição de sentido.

Na tese de Schleiermacher sobre a “interpretação gramatical” está contida sua idéia de que o conceito “sujeito” se mostra inadequado como ponto de partida ideal para a compreensão filosófica. Uma vez que não é possível buscar o sujeito na pureza de sua identidade, não é possível flagrá-lo numa pura consciência de si. Ele já sempre se dá como relação entre funções diferentes, não possuindo nem o próprio sujeito um conhecimento puro de si mesmo. O sujeito perde, dessa forma, a autoria da verdade, e renuncia-se a procurar nele seu próprio fundamento. O sujeito deixa de ser o lugar privilegiado a partir do qual se chega à verdade, de uma forma supra-histórica; “resta ao sujeito apenas testemunhá-la” (RUEDELL, 200<sup>o</sup>, p.126). Ou seja, resta ao sujeito a busca pela compreensão que se dá num encontro no seio das relações humanas, em comunidades lingüísticas.

Segundo Schleiermacher, um discurso bem constituído “poderia ser compreendido ainda melhor na relação com o mundo que lhe diz respeito” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.123). Não há para ele uma universalidade ilimitada, que valesse de ponta a ponta do universo e que fosse independente da comunidade lingüística que a concebe e mantém e/ou modifica em dado momento histórico.

Algumas recepções da obra de Schleiermacher, como, por exemplo, a de Gadamer (2009, p.526), desconsideram, ou ao menos não dão a devida importância ao aspecto gramatical de sua teoria hermenêutica. O comentário de Gadamer sugere que o discurso em Schleiermacher seria pensável independente da linguagem, e que ele, em dado momento, teria dispensado a linguagem em razão de uma individualidade idealista e de uma interpretação psicológica (técnica).

A linguagem certamente não tem o mesmo peso em Schleiermacher do que em Gadamer, no qual ela fala por si mesma. É, contudo, um equívoco afirmar que no primeiro ela possa ser dispensada. Para Schleiermacher, o próprio pensar já é um “falar interior” (2005, p. 94), no qual se usam palavras e pressupõe o todo da linguagem. Somente é possível pensar e realizar discurso articulando signos propiciados pela linguagem, mesmo que esta não tenha um caráter absoluto, a ponto de dispensar o sujeito que comunica.

A gramática, para Schleiermacher, é sempre estabelecida por comunidades e, por isso, leva a marca de suas particularidades. Isso justifica designá-la como uma comunidade de pensamento, uma unidade de mundo intersubjetivamente constituída, que tem a estrutura de uma linguagem. A gramática, enfim, tem a estrutura de um aparelho comunicativo, que possibilita uma esquematização da experiência de mundo comum de uma comunidade de falantes. Uma língua, portanto, sempre leva a marca particular da comunidade que a mantém.

Mesmo que se trate de textos diferentes de uma mesma comunidade de falantes (jurídico, religioso, artístico), todos eles utilizam-se da gramática para encontrar sentido e exprimir-se em uma língua. Para interpretá-los e compreendê-los, é necessário entendê-los como algo extraído de sua linguagem. É evidente que os usos individuais de uma língua também dão origem a mudanças dentro da própria língua. Nada, porém, poderá mudar esta realidade em que se encontra todo o autor ou falante: para realizar seu discurso, deverá valer-se necessariamente de uma língua já estabelecida; somente através dela poderá expressar, paradoxalmente, sua individualidade, que, por sua vez, também deixará marcas na própria língua.

Denomina-se *gramatical* porque considera cada “valor de linguagem”, não isoladamente, mas como elemento de uma estrutura ou de um sistema, dentro do qual obtém seu significado. (RUEDELL, 2000, p.170).

A interpretação gramatical, que considera o discurso como que pertencente à linguagem, a seu aspecto estrutural, é capaz de formular uma série de procedimentos de interpretação. Mas, essa unidade da linguagem não é uma unidade inflexível. Sempre é possível a mudança da extensão do esquema correspondente. Há regras comuns para o uso dos termos (uma intuição totalmente individual seria incomunicável), segundo as quais o falante ou escritor deve proceder. Mas é sempre possível que a singularidade do autor amplie o esquema verbal utilizado. A visão de mundo, que é apresentada pelo esquema da linguagem, é constantemente alterada pelos indivíduos existentes no interior da língua, e os termos de uma língua não se estabelecem absolutamente, já que sempre estão abertos para alterações. O sistema da linguagem deve ser visto como um sistema historicamente aberto, porque projetos individuais podem romper com os acordos existentes e propor uma inovação semântica.

Nota-se, assim, mesmo com o primado da linguagem em Schleiermacher, nunca se chegou a abandonar o sentido subjetivo, e a existência de projetos individuais de sentido que só podem ser compreendidos pela singularidade do sujeito. Como o sentido singular não é capaz de, por si mesmo, se comunicar (sem o recurso linguístico), assim também nenhuma língua é capaz de determinar totalmente seu uso, nenhuma língua é capaz de “falar por si mesma”, necessitando sempre do sujeito, enquanto instituidor de sentido. Nenhuma expressão linguística seria suficientemente compreendida permanecendo apenas em seu aspecto gramatical, pois é também um dado do pensamento individual. E é justamente a posição peculiar sujeito em relação ao primado da linguagem que torna relevante o projeto filosófico de Schleiermacher nos debates filosóficos contemporâneos (RUEDELL, 2000, p.124).

### **Considerações Finais:**

O projeto hermenêutico de Schleiermacher encontra-se em meio aos debates filosóficos sabedores da consciência histórica do mundo, que já sempre é interpretado e compreendido. A consciência do caráter histórico da própria filosofia foi o que deu origem às preocupações hermenêuticas. Elas surgem quando o homem se dá conta que vive, age, compreende e interpreta dentro de um contexto de vida histórico. Concentra-se, então, a filosofia na reflexão sobre este estado de coisas, refletindo sobre a historicidade, principalmente sobre a historicidade do ser humano e de suas interpretações do mundo (RUEDELL, 2000, p.119).

Neste mundo, no qual não há mais nada de absoluto e definitivo, no qual não há mais problemas eternos, nem soluções definitivas, no qual não há mais pensamentos e conceitos atemporais, mas apenas uma discussão sem fim, e no qual a filosofia não mais possui a pretensão de dizer objetivamente o que é, sem pretender esgotar o sentido do ser – ela, incluindo a linguagem, além a historicidade, em seu ponto de vista – torna-se ela própria hermenêutica. Centrada no presente, mas consciente do passado, a filosofia hermenêutica se encontra num mundo em que as rotas compreensivas não estão mais traçadas definitivamente, pois tudo se dá no fluxo contingente do tempo da história.

Nesse sentido, Schleiermacher apostou na necessidade de um vínculo entre hermenêutica e linguagem. Uma vez que o sujeito não é mais visto como ser pleno, não há mais este fundamento para uma verdade absoluta. Torna-se necessário que o sujeito incorpore seus próprios limites e use o discurso, com a função de estabelecer princípios para a busca de



um saber estável. Uma vez que não há mais soberania do sujeito, a busca coletiva pelo saber universal torna-se necessária.

A hermenêutica crítica de Schleiermacher possibilita a pergunta por um caminho filosófico alternativo, frente ao caráter objetivista do pensamento ocidental, fundamentado na relação sujeito-objeto. Mesmo que ainda não haja uma ruptura total com as filosofias modernas, já que seu pensamento ainda mantém um caráter de “representação” (RUEDELL, 2000, p. 2008), há, em Schleiermacher, um processo de “retranscendentalização”: a questão não está apenas centrada na consciência de si, mas na consciência de si enquanto deslocada para o âmbito da linguagem, e a compreensão deixa de ser apenas um simples modo de conhecer a realidade para tornar-se um modo de ser e de se relacionar com o ser no mundo.

Mesmo que primeiramente ela tenha sido de inspiração técnica, pois pretendia estabelecer regras e cânones para a correta interpretação de um texto, em Schleiermacher, a hermenêutica não se esgota no caráter técnico, pois ela perde o caráter de disciplina especial e auxiliar e passa a ser uma filosofia fundamental, para qual pertence o último fundamento de todo filosofar: a vida humana. Pois, o ser humano, que compreende e interpreta, é a fonte das compreensões e interpretações do mundo. Compreensão e interpretação deixam de pertencerem a uma disciplina técnica e auxiliar, como nas hermenêuticas técnicas, e tornam-se dimensão essencial do modo-de-ser do homem no mundo. E é sempre aí, no ser humano enquanto estrutura compreensiva e interpretativa, que se volta o interesse filosófico.

Faltavam às hermenêuticas auxiliares fundamentar todo seu procedimento em princípios universais de interpretação e compreensão. Em Schleiermacher claramente surgem duas características essenciais para a possibilidade de se estabelecer, compreender e interpretar o sentido de um texto ou discurso. De um lado se tem o pensamento criativo e singular de um sujeito, mesmo que não mais puro, absoluto e consciente de si; e de outro lado se tem uma estrutura de linguagem, que possibilita a constituição e manifestação de qualquer novo pensamento dentro de uma comunidade intersubjetiva. Por um lado, há a iniciativa, sempre singular, de falantes dentro de uma língua, falantes que criam e participam da constituição de sentido de tal língua; que são capazes de fazer algo novo dentro dela, pois os indivíduos em meio à linguagem são sempre capazes de imprimir nela suas marcas pessoais. E, por outro lado, há o sistema da língua, a totalidade da linguagem, que, determinando o modo de emprego dos signos, fornece a gramática identicamente a todos aqueles que participam de uma comunidade lingüística, condicionando, assim, o pensamento dos indivíduos: qualquer pensamento se dá dentro dos limites da linguagem, e esta torna-se o meio pelo qual os indivíduos de uma sociedade definem suas relações entre si e com o mundo.

Tais, portanto, são para Schleiermacher as condições de possibilidade da interpretação e da compreensão de um sentido do discurso de outrem. A questão situa-se na tensão que há entre a linguagem enquanto sistema e enquanto possibilidade de articulação de pensamento e ideias, e o sujeito a agir na base da linguagem, instituindo e aplicando sempre singularmente a linguagem. “Interpretação Gramatical” e “Interpretação Psicológica” precisam ser vistas como concomitantes no projeto hermenêutico de Schleiermacher. Optar pelo favorecimento de uma ou de outra seria uma leitura parcial.

Todo discurso, possibilitado por uma língua, só é compreendido à luz de um projeto singular. Na hermenêutica de Schleiermacher sempre se supõe este sentido particular, mesmo quando não compreendido. Pergunta-se pelo que escapa ao sistema, pelo que é sempre peculiar e único.<sup>3</sup> Por se tratar de uma busca pelo que é peculiar e único, não há como evitar o mal-entendido. Mas, esse risco do mal-entendido ou da não-compreensão não deve ser motivo para que não se busque sempre a práxis mais rigorosa possível face aos desafios da compreensão. Schleiermacher, opondo-se à tradição da hermenêutica técnica, parte da idéia de que o mal-entendido é um dado fundamental. Por se tratar da busca pela compreensão do outro, peculiar e único (no caso, o autor), o não-compreendido nunca será totalmente superado, pois nunca se chegará a uma compreensão absoluta da subjetividade de um discurso. Por isso, a compreensão necessita de um procedimento cuidadoso, de um procedimento “artístico”.

À semelhança do giro copernicano de Kant, que inverte a relação entre teoria do conhecimento e teoria do ser, no qual se deve medir a capacidade de conhecer antes de se confrontar com a natureza do ser, em Schleiermacher há o giro transcendental no mundo da compreensão e do sentido, pois surge nele a pergunta pelas condições de possibilidade da interpretação e da compreensão, em que a hermenêutica não apenas se torna geral, mas também fundamental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: complementos e índice*. Trad. Ênio Paulo Giachini; revisão de Maria Sá Cavalcante. 4 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2009

PALMER, E. Richard. **Hermenêutica**. Tradução: Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa Portugal, Edições 70, 1969, 224 p. (O Saber da Filosofia).

---

<sup>3</sup> Porém, mesmo que a intenção do autor seja a meta, a linguagem ainda é a chave.

RUEDELL, Aloísio. **Da Representação ao Sentido:** Através de Schleiermacher à Hermenêutica Atual. Porto Alegre RS: EDIPUCRS, 2000, 226 p. (Coleção Filosofia).

RICOEUR, Paul. **Interpretações e Ideologias.** Tradução: Hilton Japioossu, 4ed. Rio de Janeiro RJ: Francisco Alves, 1990, 172 pag.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. E. D. **Hermenêutica e Crítica.** Tradução: Aloísio Ruedell; rev. Paulo R. Schneider, Ijuí RS: Editora Unijuí. 2000, 279 pag. Volume 1. (Coleção Filosofia).